

Joaquim Alves Brás e a Formação Social das criadas de servir

Ernesto Candeias Martins (IPCB/ESECB)

Monsenhor Joaquim Alves Brás nasceu em Casegas (Covilhã) em 1898 e faleceu em Lisboa (1966). Defeituoso de uma perna, coxeando muito teve dificuldade em ser admitido no Seminário, quando jovem, deu mostras de seguir a via eclesiástica. Esse defeito físico, foi motivo de um dia o Padre Américo a dizer que se encontraram os dois à porta de uma igreja a pedir um coxo e um gago, mas alimentados pelo calor do coração na ajuda aos mais necessitados, o que não era um impedimento para essa azáfama que ambos estavam predestinados.

Ordenado em 1925 foi nomeado Director Espiritual do Seminário da Guarda. Nesta cidade começou a exercer o apostolado no Hospital, dando maior atenção às mães solteiras (raparigas prostitutas, empregadas domésticas que tinham caído nas teias do falso amor ou dos namorados ou dos patrões, mães solteiras e pobres). Andava de noite pelas escadas dos prédios como um autentico educador de rua em busca dessas mulheres perdidas, principalmente as mais jovens, a quem tratava com maternal desvelo, dando-lhes apoio moral e promovendo uma acção de recuperação.

Em 1930, apoiado por uma empregada doméstica de origem modesta, M.^a José Lucas – Zézinha, trabalhava para a família de um advogado (Dr. José de Almeida da Guarda) iniciou as reuniões com criadas e marginalizadas na Igreja de S. Vicente. As reuniões ocorriam cedo, por volta das seis da manhã para que as trabalhadoras pudessem estar a tempo nas suas obrigações laborais.

Suspeito de comunista, tal como outros apóstolos sociais, sofreu muito nesta fase, até que, protegido pelo Bispo D. João Alves Mattoso, abriu o primeiro lar para as raparigas no velho pardieiro onde a Zézinha morava (1930). Assim, nasceu a Obra de Santa Zita – Casas de Formação Social e Profissional de Empregadas Domésticas, mas mais tarde transformada em Instituto das Cooperadoras da Família, organismo de direito canónico, estabelecido em diversas partes do mundo, tendo como norma: ‘mãos no trabalho, coração em Deus’. Estas cooperadoras e protectoras da família dão testemunho ao serviço das mães, das empregadas domésticas, das raparigas abandonadas e órfãos, das crianças necessitadas e dos idosos e das famílias.

Este educador social teve como campo de acção social os sectores e colectivos de raparigas vadias, domésticas, pobres e perdidas dando-lhe um lugar para se formarem e poderem prestar um serviço social e assistencial à comunidade. Intentava o P.e Joaquim Brás dar-lhes uma orientação personalizada e moralizadora, recuperando-as para a vida e dignificando-as como pessoas e mulheres.

Dessas suas intervenções sociais e assistenciais, mas protegido pelo seu Bispo abre esse Lar para Raparigas dando origem à Obra de Providência e Formação de Criadas (1932), sendo conhecida popularmente por Obra de Santa Zita – ‘As Zitas’. Mais tarde esta obra social transformou-se no Instituto das Cooperadoras de Família que é também um organismo religioso, de formação e serviço social e de trabalho. A norma sócio-educativa e assistencial de formação naquele instituto fez a reabilitação de muitos projectos de vida para muitas mulheres e mães de famílias com dificuldades económicas. Estas mulheres cooperadoras desempenham um trabalho social voluntário, num serviço social de entrega e dedicação às mães, às empregadas de servir (criadas) e às famílias pobres, marginalizadas e necessitadas de apoio e ajuda material e moral.

Está por pesquisar historicamente nos arquivos desta instituição os dados que permitam avaliar o êxito tido na recuperação daquelas raparigas, da formação ministrada e, sobretudo reconstituir as acções sociais do

Padre Joaquim Brás em prol destes colectivos que o tornam num apóstolo do social merecedor de ser incluído na História da Educação e em particular na Pedagogia Social portuguesa. Na verdade ele realizou um serviço ou trabalho social voluntário que ocupa um espaço de intervenção específico com colectivos marginalizados ou desprotegidos pela sociedade. As jovens educandas reabilitadas moral e socialmente para a vida, conseguiram dignificar o papel da mulher e prestigiar profissionalmente o trabalho feito pelas criadas de servir ou empregadas domésticas que desde sempre tiveram um falta de protecção laboral e assistencial. Este é o repto de investigação histórico-educativa que falta fazer e que tem no Padre Joaquim Brás um ponto de referência obrigatória: história da mulher portuguesa.